

A RELAÇÃO ENTRE CAPITALISMO E EDUCAÇÃO NO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA: TECENDO ALGUMAS HIPÓTESES

Autor: Filipe de Sousa Carvalho; Coautor: José Luís da Silva Soares; Coautor: Ronaldo Dantas dos Santos; Orientador: Hemerson Moura

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) - Campus São João dos Patos
Contatos: fhelipr@gmail.com; jose96.soares@gmail.com; ronaldantas11@gmail.com; hemerson.silva@ifma.edu.br

INTRODUÇÃO

Inicialmente devemos ressaltar que o presente artigo é um desdobramento parcial de um projeto de pesquisa intitulado *A relação entre capitalismo e educação no olhar dos estudantes sobre a escola*. Iniciado em setembro desse ano, o referido projeto está situado dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos, sendo o autor deste artigo bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento do Maranhão (FAPEMA) e os coautores voluntários da pesquisa. Partindo de uma abordagem marxista calcada na perspectiva teórico-conceitual do pensador italiano Antonio Gramsci, a pesquisa tem como objetivo principal analisar de que modo a relação entre capitalismo e educação se manifesta no olhar dos estudantes sobre a escola, bem como refletir sobre as possíveis implicações desse olhar para o processo educativo e para a sociedade.

Considerando o curto período de tempo de desenvolvimento da pesquisa do PIBIC, o objetivo do artigo em tela é basicamente realizarmos uma espécie de aproximação com o campo a partir da tessitura de algumas hipóteses acerca do olhar dos estudantes sobre a escola. Para nos auxiliar nesta tarefa, tomaremos de empréstimo alguns dados levantados em um estudo exploratório realizado pela turma do curso de Matemática do IFMA nos domínios da disciplina Sociologia da Educação, sob a coordenação e orientação do professor Hemerson Moura, também nosso orientador na pesquisa do PIBIC.

Frequentemente se pensa o capitalismo apenas em termos de um sistema econômico ou como um modo de produção de bens e riquezas. Porém, é preciso lançar mão de um olhar mais amplo e perceber que valores e práticas sociais são fundamentais para a manutenção do sistema capitalista. Valores e práticas relacionadas a individualismo, competição, sucesso profissional, mérito, lucro etc., constituem a base ideológica – no sentido marxista do termo – do capitalismo. Sem essas ideias sendo difundidas e reforçadas diuturnamente pelas diversas instituições sociais (mídia, política, educação, religião, economia etc.) dificilmente esse sistema sobreviveria. Nesse

sentido, pode se dizer que é possível encontrarmos uma relação íntima entre o capitalismo e as instituições sociais. Com a educação não é diferente. Da metade do século XX em diante a relação entre capitalismo e educação só se estreitou. Nos dias atuais é dominante a tese segundo a qual a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento econômico de um país. Isso nos leva a refletir o quanto os indivíduos que estão inseridos nessas sociedades veem a educação como um dos principais meios de ascensão social.

Na medida em que a educação é pensada em função do desenvolvimento do sistema capitalista ela automaticamente adotará como princípios e diretrizes o seu arcabouço ideológico. Porém, a questão que se coloca é como a ideologia capitalista influencia a visão que os estudantes têm da escola e principalmente quais as suas possíveis implicações para o processo educativo, de modo específico, e para a sociedade, de modo mais geral.

Como se trata de uma questão ampla, que merecerá um aprofundamento a partir do desenvolvimento integral da pesquisa do PIBIC, voltamos a reforçar o objetivo primordial para este momento, neste artigo: realizar uma aproximação com o campo de pesquisa e elaborar algumas hipóteses relativa ao projeto PIBIC citado acima.

Parece inegável que a educação escolar, sob a responsabilidade do Estado, anda de braços dados com o sistema capitalista, haja vista o próprio processo de esvaziamento de sentido da educação como direito constitucional por meio da sua mercantilização promovida pela expansão da rede privada de ensino. Atrelado a isso, não é difícil observar que o juízo de valor atribuído a uma escola para classificá-la como de “boa” ou “má qualidade” está relacionado a fatores como índice de aprovação em processos seletivos para universidades, institutos tecnológicos ou concursos públicos; isto é, está relacionado ao futuro dos jovens e adolescentes no e para o mercado de trabalho. A própria lei nº 9.394/1996, mais conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), aponta, em seu artigo 2º, a qualificação para o trabalho como uma das finalidades da educação escolar. Além dessa passagem ela também faz menção, em vários outros momentos, da vinculação entre escola e mundo do trabalho, especialmente agora depois da educação brasileira ter sofrido uma reforma por meio da Medida Provisória 746/2016, apresentada pelo executivo nacional ao congresso e transformada na Lei nº 13.415/2017.

As ligações entre capitalismo e educação, criadas, mantidas e reforçadas pelo Estado, certamente influenciam a visão de mundo dos estudantes sobre a escola e na sua formação. A questão é saber como influencia. Quais os sentidos atribuídos à escola pelos adolescentes. Como afirma Gramsci, “se cada Estado tende a criar e a manter certo tipo de civilização e de cidadão (e,

portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e hábitos e a difundir outros.” (GRAMSCI *apud* NOSELLA & AZEVEDO, 2012, p. 25). A questão é saber quais valores sobre a escola permeiam o imaginário social dos estudantes o que eles nos dizem. Por ora nos contentaremos em apontar o que esperamos encontrar após a finalização da nossa pesquisa do PIBIC.

METODOLOGIA

Conforme mencionado anteriormente, os dados que nos auxiliarão para a aproximação com o nosso campo de pesquisa e para pensarmos algumas hipóteses da nossa pesquisa do PIBIC foram conseguidos através de uma pesquisa experimental realizada em 2016 com a turma de Matemática do IFMA no âmbito da disciplina Sociologia da Educação sob a coordenação e orientação do nosso orientador. Com esses dados foi possível entendermos um pouco o campo sobre o qual faremos uma imersão mais profunda no desenrolar do projeto e fazer algumas conjecturas a respeito do que provavelmente iremos encontrar.

O estudo do qual estamos utilizando os dados foi realizado dentro do perfil aproximado da nossa pesquisa do PIBIC, pois entrevistou estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas e privadas do município de São João dos Patos – MA. Fazendo uso de um questionário de natureza quantitativa, na ocasião foram realizadas 130 entrevistas com adolescentes na faixa etária entre 13 e 14 anos, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino. Para os propósitos deste artigo, selecionamos do questionário original os dados referentes a uma pergunta (“Entre os motivos apontados abaixo, qual desses você considera o maior motivo que te faz estar na escola?”) e uma afirmativa (“O principal papel da escola é treinar os estudantes para o mercado de trabalho.”). Para a pergunta havia quatro opções excludentes de resposta: 1. “Por ser obrigado pelos pais”; 2. “Por simplesmente gostar de aprender”; 3. “Para conseguir um bom emprego no futuro e ser alguém na vida”; e 4. “Para formar um pensamento crítico e ser um cidadão”. Já para a afirmativa haviam três possibilidades, também excludentes, de resposta: 1. “Concordo totalmente”; 2. “Concordo parcialmente”; e 3. “Não concordo”.

Ao examinarmos os resultados a partir dos dados obtidos com as questões acima, pudemos vislumbrar elementos que iremos nos defrontar no desenvolvimento da nossa pesquisa do PIBIC, inclusive nos auxiliando em relação a aspectos que precisaremos nos aprofundar. Algo que será discutido na seção posterior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao examinar os resultados dos dados nos parece inevitável tomar como uma primeira hipótese o fato da educação escolar ser vista pelos estudantes quase que exclusivamente como um meio de mobilidade social ascendente. Isso nos dá uma dimensão da influência que as ideologias capitalistas exercem na visão que os estudantes têm da escola. Senão vejamos os números.

Dos 130 questionários aplicados temos um número surpreendente de 100 estudantes entrevistados, isto é, aproximadamente 77% deles que afirmam que o maior motivo que os leva a frequentar a escola se resume a “conseguir um bom emprego no futuro e ser alguém na vida”; 3% tem como motivação principal o fato de serem obrigados pelos pais; 5% por simplesmente gostar de aprender; e apenas 15% para formar um pensamento crítico e ser um cidadão ou cidadã.

No que diz respeito à afirmativa “*O principal papel da escola é treinar os estudantes para o mercado de trabalho*”, também do universo de 130 entrevistas temos os seguintes resultados: 55% disseram concordar totalmente com a afirmação acima; 35% concordaram parcialmente; e apenas 10% dos entrevistados não concordaram.

A despeito do que está escrito na LDB, que demarca que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a **formação comum indispensável para o exercício da cidadania**¹ e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (LDB, 1996, Art. 22), os dados parecem demonstrar que na visão dos estudantes a escola serve apenas para suprir o mercado de trabalho. Nessa perspectiva é de suma importância pontuar que o capitalismo pode influenciar de maneira negativa na vida dos jovens estudantes, já que as instituições ao invés de prepará-los também dentro de uma perspectiva humanista parecem vislumbrar apenas indivíduos com uma formação mecânica, na qual o objetivo principal aparenta ser treiná-los para o mercado de trabalho. Pelo menos essa é a impressão que os dados nos dão.

Parece-nos evidente que em algum momento do processo de formação – tanto na escola como nas demais instituições sociais – são encucadas ideias em nossos estudantes que promovem a exagerada concepção de que é através do recinto escolar que eles têm sua única oportunidade de poder ampliar sua condição econômica e seu *status* social. Afinal, como explicar que 90% dos estudantes concordem totalmente e parcialmente com uma afirmação que coloca como principal papel da escola o “treinamento” para o mercado de trabalho?

Quando nos propomos, pois, a tecer algumas hipóteses acerca da influência do capitalismo sobre a visão que os estudantes têm da escola, nos deparamos com um conceito gramsciano

¹ Grifo nosso.

importante para entendermos os resultados aqui expostos, qual seja o conceito de *ideologia*. Para Gramsci, diferentemente do conceito marxista clássico, ideologia se refere, grosso modo, a uma visão de mundo. Porém, é preciso perceber que não se trata de uma visão de mundo particular de um indivíduo, mas das ideias traçadas e difundidas pelo que Gramsci chama de *bloco histórico*, segundo conceito fundamental para nossa proposta de análise da realidade social. Conforme sua veia marxista, para o pensador italiano há, nas sociedades, uma disputa pelo poder entre diversos grupos, mais precisamente entre as diferentes classes e frações de classes. Nos momentos em que a disputa se acirra, há uma tendência à polarização entre os que querem manter o poder (classe dominante) e os que querem mudar o poder de mãos (classe dominada). Bloco histórico, portanto, seria cada um desses agrupamentos de classe que buscam concentrar no seu interior as forças materiais e ideológicas da sociedade e conquistar o poder, representado principalmente pela conquista da gerência do Estado. Nesses termos, pode-se pensar a ideologia como a concepção de mundo ou o conjunto de ideias de um bloco histórico. Obviamente tais ideias serão sempre favoráveis à manutenção do poder do bloco histórico que as criou, afinal estabelecer a sua visão de mundo é fundamental para que as classes mantenham ou conquistem o poder.

Neste sentido, os dados aqui apresentados parecem evidenciar que não seria precipitado estabelecer como hipótese do nosso estudo posterior a este artigo um alto poder de influência da ideologia capitalista – orquestrada pelas elites econômicas – sobre a maneira como os estudantes enxergam a educação escolar, visto que 77% dos entrevistados no estudo exploratório apontaram como principal motivo para estar na escola o intuito de conseguir um bom emprego e ser alguém na vida. Por trás da sentença “ser alguém na vida” há algo de sintomático que gostaríamos de explorar um pouco mais no sentido do estabelecimento das nossas hipóteses. Obviamente tal sentença em diferentes contextos poderia produzir uma infinidade de conotações distintas. Porém, no contexto em que foi colocada nos leva a crer que há um alinhamento dos estudantes com o ideal capitalista segundo o qual o sucesso profissional é mesurado por meio da quantidade de dinheiro que uma pessoa possui e que a plenitude do ser humano só se dá através da sua entrada e de suas conquistas no mercado de trabalho.

Se estas hipóteses se confirmarem e o que elas representam em termos de consequências (negativas e positivas) para a educação escolar, de modo particular, e para a nossa sociedade, de maneira mais ampla, é algo que ainda não sabemos, mas que buscaremos elucidar no desenrolar do nosso projeto de pesquisa do PIBIC.

CONCLUSÃO

Embora muito se fale a respeito da dimensão crítica, cidadã e humanística da formação escolar, aparentemente pouco se tem feito nesse sentido e pouco se tem buscado compreender os impactos da predominância da dimensão técnica-científica na formação das crianças e adolescentes. A valorização da educação apenas como uma exigência de mercado aliado à difusão e manutenção, no ambiente escolar, de valores e práticas sociais relacionadas ao individualismo, competitividade, lucro, mérito etc., certamente já trouxe e ainda trará impactos desconhecidos.

A partir dos dados aqui explorados, pudemos traçar – obviamente de maneira provisória – algumas hipóteses, uma vez que era este nosso objetivo para este momento. Dentre o que foi possível apreender, destacamos: 1. Há um provável alinhamento ideológico com o capitalismo por parte dos estudantes da educação básica no que se refere a aceitação e reprodução de valores capitalistas como busca pelo lucro, por ganhar dinheiro e se dar bem na vida através da escola; 2. Em termos de formação, a escola parece deixar a desejar quando consideramos a dimensão da cidadania, preocupando-se quase que exclusivamente com a dimensão técnico-científica e deixando de lado a dimensão humanista do conhecimento; 3. Os estudantes aparentam estar altamente contaminados com a ideia de que a escola é um lugar apenas para lhes proporcionar formação para o ingresso no mercado de trabalho; 4. Na visão dos estudantes parece haver uma relação estreita entre ser pleno como ser humano e ter um emprego bem remunerado.

Apesar do seu caráter provisório, a expectativa é que o exercício interpretativo realizado neste artigo nos auxilie na consecução dos objetivos da nossa pesquisa do PIBIC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 Out. 2017.

GOMES, Cândido Alberto. **A educação em novas perspectivas**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: E.P.U., 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROPPO, Luís Antonio. *O Marxismo e a Sociologia da Educação*, in MORAIS, Regis de; NORONHA, Olinda Maria; GROppo, Luís Antonio (orgs.), **Sociedade e educação: estudos sociológicos e interdisciplinares**. Campinas: Alínea, cap. 5, p. 131-166, 2008.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. *A educação em Gramsci*, In **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 2, p. 25-33, maio/ago. 2012.